

## A FORMAÇÃO FILOSÓFICA E A ATITUDE ESPIRITUAL\*

Não sei se o leitor é da minha opinião; eu cuido que se pode avaliar um homem pelas suas simpatias históricas; tu serás mais ou menos da família dos personagens que amares deveras. Aplico assim aquela lei de Helvetius: "O grau de espírito que nos deleita dá a medida do grau de espírito que possuímos."

Machado. *Histórias sem data*, p. 79.<sup>1</sup>

A atitude filosófica de Machado, a sua concepção do mundo, da vida e do homem, formou-se também como resultado da meditação de grandes obras do pensamento universal, que, ao lado dos seus motivos pessoais, precedentemente estudados, lhe inculcaram uma visão totalmente pessimista. Essas influências vieram acrescentar-se às tendências latentes no espírito do homem, geradas pela doença incurável, pela cor e pela inferioridade de origem, tendências que davam, já de si mesmas, ao observador perspicaz, uma consciência muito exagerada das misérias humanas, um gosto muito apurado em pintar o lado mau do homem, uma visão escurecida da vida social. Deram às tendências naturais um apoio filosófico, uma interpretação racional, uma autoridade doutrinária.

Já vimos como a atitude de Machado em face da vida e do homem é eminentemente pessimista. Verificamos que na gênese dessa atitude muito contribuíram os antecedentes e motivos pessoais, de ordem social, psicológica e hereditária, provenientes da sua origem, da sua raça e da sua doença.

É preciso não desdenhar contudo o fator considerável na formação espiritual de um escritor, que são as influências de outros escritores, sobretudo dos que, por

---

\* Este texto é um dos capítulos do livro *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*, publicado por Afrânio Coutinho em 1940, pela Vecchi, Rio de Janeiro, e, em segunda edição, pela Livraria São José, Rio de Janeiro, em 1959 (p. 59-96). [Nota dos editores.]

<sup>1</sup> Como era hábito nos críticos literários e ensaístas brasileiros da época, as referências a livros e autores são quase sempre muito vagas. Os editores de *Machado de Assis em linha* procuraram, na medida do possível, localizar as citações e referenciá-las em nota de rodapé. As passagens da obra de Machado de Assis serão remetidas diretamente ao romance ou conto de que foram tiradas, indicando-se, quando for o caso, o capítulo em que se encontram. A passagem escolhida pelo autor como epígrafe de seu ensaio está no capítulo III do conto "Manuscrito de um sacristão", de *Histórias sem data* (1884). [Nota dos editores.]

condições especiais, e por parentesco espiritual, se tornam leituras prediletas, passando por seus ensinamentos a fazer parte integrante da sua alma. Machado não escapava à regra geral muito bem realçada modernamente pelos estudos de literatura comparada, e à qual nem mesmo os grandes gênios escapam, e a sua atitude filosófica foi também fruto da meditação e estudo dos filósofos preferidos, como o prova o fato de só aparecer com precisão nos seus livros da maturidade, quando já estava completamente senhor de si mesmo, da sua arte, definitivamente formado.

Ele recebeu influências várias, como deixamos bem claro. Mas no ponto que nos interessa no momento, isto é, de referência à sua formação filosófica e do que se pode inferir ou de confissões claras suas ou de informações de seus críticos e amigos, ou ainda do estudo analítico e comparativo de sua obra, os escritores ou obras que mais lhe influenciaram no particular foram: Montaigne e Pascal, Schopenhauer, o *Eclesiastes*, aos quais se pode talvez acrescentar Spinoza.

### **À sombra de Pascal**

Desde cedo, li muito Pascal... e afirmo-lhe  
que não foi por distração.

Carta de Machado a Nabuco.  
Coll. Fernando Néri, p. 66.<sup>2</sup>

Parece que a herança mais forte que recebeu Machado, no terreno filosófico, ou melhor, de todas as influências que recebeu, sem falar nos humoristas, sobretudo ingleses, a do clima espiritual do classicismo francês foi de certo a que marcou mais profundamente o seu espírito.

E esta influência lhe chegou através principalmente de Pascal, de quem se confessou leitor precoce e assíduo, e de Montaigne, que, posto não seja absolutamente um escritor daquele século, no entanto pode ser considerado o seu ponto de partida, pois

---

<sup>2</sup> Trata-se de carta escrita por Machado de Assis a Joaquim Nabuco, datada de 19 de agosto de 1906, a qual figura, na edição de 2008 da obra completa de Machado de Assis em quatro volumes da editora Nova Aguilar, na seção "Miscelânea" (p. 1342-1344), sob o título "Joaquim Nabuco: *Pensées détachées et souvenirs*". [Nota dos editores.]

o classicismo "já está quase todo nele".<sup>3</sup> Montaigne é uma encruzilhada, pois reúne todos os resultados do seu século e vai fornecer os elementos do século seguinte.

De modo geral o que caracteriza a evolução do espírito na primeira fase propriamente de formação do século, até 1660, é justamente, depois de passado aquele ímpeto aventureiro e ousado do Renascimento, o fato de que o pensamento se recolhe para melhor conhecer o homem, as regras da sua conduta, a prática da vida e o governo do mundo. Por este tempo ainda não estão bem cristalizadas as grandes qualidades que distinguirão o espírito clássico. A época é de confusões, mas ele vai tomando as feições que serão definitivas, vai-se firmando e dominando as forças contrárias.

Passada a segunda Renascença, que já dera a idade de ouro espanhola e a época elisabetana, dois dos mais grandiosos e fecundos períodos literários, restará dela a preocupação de conhecimento do homem, de introspecção do coração humano, de que Cervantes, Shakespeare e Montaigne ficaram como os modelos insuperáveis.

O classicismo será marcado do gosto moralizante, ora no sentido da observação psicológica dos caracteres, ora na pesquisa das regras da vida. O estudo do homem despertará toda uma vasta literatura de memórias, máximas, retratos, com uma precisão e um vigor científico ainda hoje admirados pelos espíritos mais exigentes de realismo. Toda uma preocupação psicológica de análise de caracteres, estados de alma e temperamentos individuais, que se estenderá pela arte dramática e até mesmo pela filosofia, dá ao espírito geral do século uma fisionomia de inventário sereno e imparcial das paixões, dos sentimentos, dos conflitos psicológicos. O gênio de Machado era do melhor estofado de moralista – em prosa e em verso. Era da escola da sabedoria que visa,

---

<sup>3</sup> Os *Essais* são o grande reservatório donde vai correr o espírito clássico, diz Lanson, em seu livro sobre Montaigne. Foi Montaigne, afirma ainda o grande crítico, quem colocou "a literatura francesa no caminho em que a época clássica encontrará suas obras mais significativas e mais fortes: ele lhe propõe seu objeto e seu método, uma psicologia toda de observação, tão libertada quando possível da metafísica e do dogma". Foi ainda Montaigne quem primeiro realizou a união da arte antiga à razão moderna, característica do espírito clássico, quem orientou as inteligências literárias para o universal e para a investigação moral e psicológica. Em uma palavra, conclui Lanson, Montaigne foi o ponto de chegada do Renascimento, do qual Rabelais tinha sido o ponto de partida: liquidando as ousadias e as ilusões impossíveis do Renascimento, ele realizou tudo o que podia ser realizado, preparando assim o século XVII clássico. [Nota do autor.] É provável que a referência seja ao livro *Les Essais de Montaigne: étude et analyse* (1930), do historiador e crítico literário Gustave Lanson (1857-1934). [Nota dos editores.]

como ensina Strowski, "estudar os homens, conhecê-los, pintá-los, explicar os motivos de sua conduta, penetrar o segredo de suas condições e humores e ensinar-lhes a viver".<sup>4</sup>

Desde cedo entregou-se à leitura desses grandes mestres da sabedoria humana. "A natureza não me interessa", afirmou certa vez, "só o homem me interessa".<sup>5</sup> Auxiliado pelo seu poder invulgar de observação pessoal e de analisar e dissecar a alma dos homens – capacidade penetrante, minuciosa e precisa –, encontrou no século XVIII<sup>6</sup> os elementos e atmosfera para se fazer um profundo conhecedor da natureza e da condição humana: Machado deve ter-se sentido à vontade naquela época.

Mas não somente em virtude desse interesse pelo homem. Ele deve ter sido atraído e dominado também pelas imposições temperamentais.

Espírito clássico Machado o era por todas as suas qualidades. Sabe-se que, tendo iniciado a vida intelectual em pleno fogo romântico, a cuja influência não pode fugir, refletida nos primeiros trabalhos, Machado, logo firmado na consciência plena de sua direção verdadeira, reagiu contra ele. Mas esse fato apenas traduz o que se vai sedimentando na alma do escritor. Passados os trinta anos, amadurecida a inteligência, ele vai-se libertando dos moldes românticos e as suas qualidades vão-se identificando com as qualidades gerais do gênio clássico que darão, aos quarenta anos, oportunidade de expansão total das suas faculdades criadoras.<sup>7</sup>

A sua obra do período definitivo se distingue como clássica, não somente pela preocupação da análise psicológica, senão também pela intenção racional de

---

<sup>4</sup> Fortunat Strowski (1866-1952), intelectual francês de vasta produção, escreveu tanto sobre Montaigne como sobre Pascal. A fonte de Afrânio Coutinho aqui pode ser: *Montaigne e a angústia contemporânea*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946; pode também ser o livro *Montaigne* (1906), de que o ensaísta traduz essa passagem. [Nota dos editores.]

<sup>5</sup> É possível que a fonte de Afrânio Coutinho seja o livro de Eugênio Gomes, *Machado de Assis* (Rio de Janeiro: São José, 1958, capítulo "Machado de Assis e a natureza", p. 29, onde o autor afirma: "A ideia de que Machado de Assis era insensível à natureza nunca foi examinada convenientemente, e só por isso tem prevalecido, com o rigor de um julgamento inapelável.//Até certo ponto o romancista concorreu para essa crença tão arraigada, com a sua conhecida resposta a Ramos Paz, quando este lhe sugeriu o aproveitamento da paisagem de uma determinada chácara no romance que estava escrevendo: 'A natureza não me interessa, o que me interessa é o homem'." [Nota dos editores.]

<sup>6</sup> Trata-se de provável erro de impressão, pois o autor aqui só pode estar-se referindo ao século XVII. [Nota dos editores.]

<sup>7</sup> A sua dívida romântica, ele a proclamou comovido numa página eloquente d'A *Semana*: "É desenganar. Gente que mamou leite romântico pode meter o dente no rosbife naturalista, mas em lhe cheirando à teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância. Oh! meu doce leite romântico!" p. 49. [Nota do autor.] A crônica é de 25 de dezembro de 1892. [Nota dos editores.]

compreender o mundo; pelo gosto do universal e do permanente detrás do transitório e do local, nos sentimentos, nas situações ou nos temperamentos, descobrindo a identidade essencial do homem no tempo e no espaço; pelo sentimento da realidade natural e da verdade observada; pelo senso da medida, pela utilização de regras, freios e limitações, a ponto de levar Raul Pompeia à exatíssima e finíssima observação de que era um escritor correto e diminuído; pelo cultivo da perfeição linguística, compreendida não como uma questão de fidelidade a cânones absolutos e regras fixas tiradas do uso antigo, mas como uma consonância e uma adaptação ao tempo e ao povo, pois cada época imprime a sua marca original à evolução da língua; pelo descaso que votava à originalidade, que procurava menos na intenção do que na "expressão e manejo do material".<sup>8</sup>

Espírito clássico ainda pelo seu conservadorismo, pela sua índole pacífica, pelo respeito à ordem estabelecida, ao poder e à autoridade, pelo antirrevolucionarismo, pelo temperamento artista, Machado não podia deixar de se identificar inteiramente com o século que tão maravilhosamente realizou os ideais clássicos.<sup>9</sup>

Machado era um clássico tanto pelo temperamento e pelas qualidades artísticas espirituais como pela educação intelectual, que o filiou ao "grande século" e o penetrou do seu ambiente de humanismo.

Mas essa filiação ao século XVII tem ainda maiores motivos. A sua atmosfera espiritual era a que convinha à maneira de Machado ver a vida.

É que essa atmosfera, impregnada do jansenismo, apresenta toda uma concepção do homem, da vida e do seu objeto, essencialmente pessimista, que satisfaz inteiramente às necessidades de explicação do escritor.

---

<sup>8</sup> Não foi possível localizar a referência. [Nota dos editores.]

<sup>9</sup> A esse respeito creio que se deve fazer uma observação quanto à semelhança entre Machado e Anatole, semelhança apregoada por certos críticos apressados e que já vai passando em julgado. No entanto, com a aparência de um truísmo, nada mais falso, ao meu ver. Anatole France é o homem do século XVIII, racionalista extremado (são bem diversos o racionalismo do século XVIII e o do século XVII), é o impiedoso e o incrêdo, o anticlerical voltairiano, é o homem das luzes, é o romântico, o revolucionário, o céptico, é o diletante que nada leva a sério. A diferença é flagrante a quem compare os climas das duas obras. Até mesmo o humorismo é diverso nos dois, e se Machado é incrédulo, não é anticlerical nem hostil à religião, antes é agnóstico ou não toma conhecimento do fenómeno. É mais pessimista do que céptico, e pertence antes à linhagem de Pascal, um Pascal a que faltasse a fé, do que à dos libertinos e Voltaire. Antirracionalista no sentido cartesiano de uma razão especulativa, geométrica e independente, ele no entanto tudo espera de uma arte da razão pura, daí o seu indiferentismo para a Idade Média. [Nota do autor.]

As guerras de religião e as guerras civis, a crise religiosa profunda que atravessa os dois primeiros séculos modernos, proveniente da Reforma, dos desregramentos internos, do ataque dos príncipes temporais e do humanismo pagão, das desordens populares e das disputas entre as seitas, geraram as correntes libertina e racionalista que invadirão mais tarde ao filosofismo do século XVIII. Antes porém de dominarem inteiramente, encontrarão no fim do século XVI e durante o século XVII uma forte corrente de oposição, baseada num desejo ardente de coibir esse estado de espírito numa aspiração comum de reforma interior, religiosa e disciplinar, de intensificação da fé e de severidade moral.

Desse recrudescimento religioso, desse reacordar da energia e do rigorismo moral, surgem naturalmente o sentido profundamente religioso do século XVII, a Contrarreforma, o jansenismo, o heroísmo cornelianiano, a teoria cartesiana da vontade, as controvérsias e as batalhas religiosas, tais como a questão jansenismo-jesuítas e a polémica sobre o quietismo, mas sobretudo um ideal do homem, severo e rude, que encontrará no jansenismo o verdadeiro clima moral e filosófico.

Essa imagem enche o século. Todo ele respira esse ideal da natureza humana, de que o jansenismo acostumou os espíritos. Para dar expansão à renovação da fé, ao recrudescimento do ardor moral, contra a dissolução naturalista do Renascimento e a irreligião dos libertinos, só a severidade das regras e o abandono total do mundo, o isolamento do mundo, que apresentava naquele momento um espetáculo de misérias e corrupções. O jansenismo é um fenômeno característico da época e dominou e impregnou o século com a sua concepção pessimista do mundo.

Brunetière<sup>10</sup> mostrou a influência imensa e preponderante do jansenismo sobre o século XVII, a ponto de aparecer como o tom geral da sociedade, agindo pela educação, pelos escritores, pelos salões. A história das ideias no século XVII, diz ele, só se explica pela luta jansenismo-cartesianismo, e esta luta, até as duas últimas décadas do século, sempre superada pelo primeiro, explica também por que o cartesianismo encontrou os seus melhores adeptos entre os preciosos e libertinos. A influência do jansenismo e de Pascal é formidável, enquanto a de Descartes é quase nula. Apenas a

---

<sup>10</sup> Trata-se do historiador e crítico literário francês Ferdinand Brunetière (1849-1906), que se dedicou essencialmente ao classicismo racionalista do século XVII. O autor é recorrentemente citado neste texto, mas sempre de forma imprecisa. [Nota dos editores.]

corrente naturalista de La Fontaine e Molière, herdada do Renascimento e sobretudo de Rabelais e Montaigne lhe consegue fazer um pouco de oposição. E só à medida que o século avança é que diminui a primeira em benefício da segunda. É o século XVIII que vai realizar todas as ideias que o jansenismo interrompeu e travou na sua evolução, sem conseguir destruir. O século XVII, por causa do jansenismo, deixou de ser cartesiano, e com o culto da arte antiga foi ele o motivo do equilíbrio do seu racionalismo moderado. Já o século XVIII, isento do senso religioso do anterior, com os seus filósofos e publicistas, filhos dos humanistas do Renascimento e dos libertinos preciosos do século XVII, vai dar largas à veia racionalista.

Dominando o século XVII, o jansenismo emprestou-lhe o seu tom espiritual. Da doutrina da graça jansenista decorre toda uma imagem do homem e da vida, que foi a de Pascal e, através dele, de Port-Royal, de todo o seu tempo. É o pessimismo.

Tanto a Reforma como a Contrarreforma, como o movimento do misticismo, uns mais do que os outros, aproximaram-se do agostinismo.<sup>11</sup> A doutrina da graça, a anulação da vontade pecadora diante da onipotência divina ficam em voga e serão a alma do jansenismo. O calvinismo insiste particularmente sobre a teoria luterana da corrupção fundamental do homem pelo pecado original. A nossa vontade é declarada impotente para o bem, pois somente a determinam o mal, os vícios, os prazeres; estes é que são os únicos móveis ou causas impulsionadoras de nossa vontade. É o lado sombrio e pessimista, mal interpretado, do agostinismo, que eles recolhem e exageram. O homem é essencialmente corrompido pelo pecado e anulado em sua miséria tenebrosa.

Deste fundo nasce o jansenismo com sua concepção da vida. A liberdade é anulada, nas relações com o sobrenatural, e tudo concedido à graça divina. Como toda filosofia da vontade,<sup>12</sup> é instruído "um heroísmo da vontade pelo perpétuo esforço da

---

<sup>11</sup> E até mesmo o cartesianismo não foge à influência agostiniana. Por outro lado, o predomínio do platonismo no movimento intelectual dos séculos XV e XVI é fato incontestável, a ponto de se ter a impressão de uma renovação platônica da filosofia. Ademais, durante toda a Idade Média, se pode seguir a linha platônica através da escolástica franciscana e dos místicos renanos, para atingir afinal ao neoplatonismo do Renascimento e da Reforma. [Nota do autor.]

<sup>12</sup> Brunetière chamava a atenção da relação singular entre as filosofias da vontade e o pessimismo, mostrando como, de Buda a Schopenhauer, em todas elas se entrelaçam as duas ideias. Esta é uma observação importante, porque esclarece extraordinariamente a posição de Machado, colocando-o ainda mais solidamente na família que estamos estudando. "É justificada", afirma Jacques Maritain, "a busca, no pensamento de Lutero, da fonte dessas duas grandes ideias, que parecem colocadas juntamente na

conduta", "exigindo-se-lhe tudo depois de mostrar a sua impotência". Ensina-se a predestinação dos eleitos por escolha absoluta da Providência em face dos eternos condenados de nascença.

Para o jansenismo a natureza humana é má e miserável, desprezível e egoísta, escrava dos instintos, com uma tendência incoercível para o mal. A queda original comunicou-lhe uma miséria inamovível, uma espécie de fatal atração criminosa para o vício, uma corrupção total. A vida só deve interessar como uma renúncia perpétua e completa do mundo, a fim de se preparar, pelo ascetismo, a paz e a salvação futuras.

Essa doutrina tão severamente anti-humanista, para a qual só há a corrupção e a miséria humanas, que não acredita na possibilidade da vida social, porque só há homens egoístas e malignos (*méchants*), comunicou a Port-Royal e a todo o século um desgosto da vida, um desejo de evasão e demissão do mundo. O *Augustinus*, bíblia do jansenismo, feito para refutar os erros dos molinistas, que para seu autor eram os novos pelagianos, encerra a história, cheia de horrores, da condição humana depois do pecado adâmico. Contrastando com o esplendor anterior à queda, interpreta o historiador A. Dufourcq,

que miséria a de hoje! Os desejos carnis e a mancha que acarretam, em uma palavra, a concupiscência transtorna, escraviza e assim destrói o livre arbítrio pela deleição grosseira de que o envolve,

---

história da filosofia; a ideia do 'mal radical', que atravessará a filosofia alemã, com Boehme, com o próprio Kant, com Schelling, com Schopenhauer, e a ideia do 'primado da vontade', que se imporá a essa mesma filosofia, principalmente com Kant, Fichte, Schopenhauer – como se o pessimismo e o voluntarismo fossem, em metafísica, as duas faces complementares de um mesmo pensamento." É a Lutero, pois, e ao espírito da Reforma luterana, cuja seiva alimenta toda a especulação alemã, que devemos responsabilizar por essa ideia jansenista, exagero de uma face do agostinismo, segundo a qual a natureza humana está radicalmente ofendida e sem possibilidade de remissão fora dos predestinados. Considerar a natureza humana irremediavelmente corruta, e o mundo o império de Satã "a hospedaria do diabo", para empregar a sua própria expressão, é seguir o pessimismo moral de Lutero. Igualmente, descrer da força da razão e da fecundidade da liberdade humana, contra a filosofia tradicional racionalista, opondo-lhe o princípio da vontade, é obedecer à inspiração luterana. O jansenismo é filho da Reforma por seu antirracionalismo, e se pode apontar para ele o lema que resume toda a teologia luterana: "Ou escravo do pecado ou servo de Deus." Não seria propositado recordar a repercussão dessas premissas na filosofia alemã posterior, quando o dever passou a reger a inteligência, com Kant, e a vontade, com Schopenhauer, se tornou a lei da metafísica. A consequência foi o voluntarismo, que atribuiu à vontade o papel da inteligência, degenerar em um negro pessimismo, como veremos a propósito de Schopenhauer. [Nota do autor.] Não foi localizada a referência de Jacques Maritain [Nota dos editores.]

envilecendo-o. O homem perdeu o equilíbrio. Não é agora senão um doente infectado de paixões, sensualidade, remorsos, cólera, cobiça.<sup>13</sup>

E então, ensinou Jansenius, o homem necessitada do socorro da graça para salvar-se. Antes da queda apenas precisava do auxílio divino. Hoje é Deus que faz tudo, por uma graça imperiosa com que o liberta. É a sua vontade que predomina, recaindo sobre os escolhidos, e o homem nada pode fazer em próprio benefício, a maioria sendo condenada pela culpa original.

Essa doutrina da graça é a alma do jansenismo e de Pascal. Port-Royal era um refúgio de desgostosos do mundo à cata da santidade e da solidão propícia ao pensamento em Deus. Esse era um dos muitos caminhos que o homem possui para chegar a Deus: a renúncia, o amor incondicional, o abandono. Mas se, como afirma Calvet,<sup>14</sup> havia aí um desejo e um caminho legítimos, havia também muitos perigos, entre os quais não era o menor o desejo de fuga para "procurar a paz da solidão e não a batalha do claustro", aos quais a evolução das doutrinas e dos acontecimentos dará as aplicações inevitáveis.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup>Trata-se, provavelmente, de Albert Dufourcq (1872-1952), autor de *L'avenir du christianisme: introduction à la vie et la pensée chrétienne dans le passé* (1904). [Nota dos editores.]

<sup>14</sup> Trata-se, provavelmente, de Jean Calvet (1874-1965), coordenador de *Histoire de la littérature française* (1938), cujo quinto volume, intitulado *La littérature religieuse de François de Sales à Fénelon*, é de sua autoria. É possível que sejam dessa obra as várias citações feitas por Afrânio Coutinho neste ensaio. [Nota dos editores.]

<sup>15</sup> É esse o quadro que nos dá esse historiador das doutrinas religiosas do grande século, sobre o jansenismo: "Os homens mais leais, os teólogos mais competentes e os mais objetivos são de acordo sobre que o *Augustinus* contém e, por sua armadura geral, sustenta uma doutrina da graça, que é um augustinismo exagerado, pois suprime efetivamente a liberdade humana. Esta doutrina, estimada por ela como perigosa e errônea, foi condenada pela Igreja sob o nome de jansenismo: a corrupção total da natureza humana pelo pecado original; a importância radical do homem decaído; o poder total da graça que opera tudo em nós e ao qual o homem não conseguiria resistir; a dependência da liberdade humana submetida à deleitação todo-poderosa do alto ou de baixo, arrastada necessariamente ora para o bem pela graça, ora para o mal pela concupiscência; o caráter da concupiscência, que é pecado por si mesma e que faz com que toda as ações efetuadas fora da operação da graça sejam odiosas a Deus, e que todos os homens sejam votados à danação como consequência do pecado original, constituindo uma *massa danata*, na qual Deus, que não deve nada a ninguém, escolhe, sem outra consideração que a da sua vontade soberana, os predestinados aos quais a graça todo-poderosa será dada, abandonando os outros a seu infeliz destino de filhos de Adão; a Redenção diminuída pelo fato mesmo, não no sentido de que Jesus Cristo não teria morrido para redimir todos os homens, mas neste sentido de que efetivamente seu sangue e seus méritos, fontes da graça, não seriam aplicados senão aos predestinados. Tal é em grosso a doutrina de Jansenius, feita de teses ortodoxas no ponto de partida, das quais algumas foram mantidas na ortodoxia e outras, levadas por uma lógica excessiva até o erro; e tal é a doutrina das cinco proposições, mais explícita aqui e mais fácil de compreensão porque despojada de todas as reservas e de todas as nuances que a limitam ou a mascaram; tal é a doutrina professada pelos jansenistas franceses, aceitando-a no

A doutrina jansenista, diz Calvet, imola o homem a Deus. Pascal, que tem o desgosto do mundo, encontra no jansenismo a satisfação para o seu espírito e adere, de coração e inteligência, com entusiasmo, levando-o às suas extremas consequências.

Na ideia jansenista da graça, Pascal encontra a correspondência exata para o seu ardente desejo de absoluto.

Deus, senhor soberano, nada devendo à sua criatura; o homem, puro nada, corrompido pelo pecado original, curado pela Redenção do Cristo, fonte única da graça; a graça necessária à salvação dada gratuitamente por Deus aos seus predestinados pelos quais Jesus Cristo morreu; a graça todo-poderosa à qual ninguém resiste, dando nascimento a todos os bens no homem, capaz por ele mesmo somente das obras de morte. Que resta fazer? Fugir do mundo perverso, lançar-se nos braços do Salvador, deixar-se trabalhar pela graça e atingir trêmulo o dia do juízo. Pascal está conquistado.<sup>16</sup>

O essencial de toda essa concepção jansenista e a pascaliana do homem e do mundo<sup>17</sup> é a falta de uma visão generosa e sã do universo. O homem não passa de um doente, vítima do pecado, e o mundo, o tablado onde só se chocam os vis interesses, da concupiscência e do egoísmo. Apraz-se em realçar o "vilão fundo do homem" (Pascal), em ver no homem somente incoerências e contradições trágicas que o tornam sem nenhum apoio ou segurança moral.

*Quelle chimère est-ce donc l'homme? Quelle nouveauté, quel chaos, quel sujet de contradiction, quel prodige! Juge de toutes choses, imbécile ver de terre; depositaire du vrai, cloaque d'incertitude et d'erreur; gloire et rebut de l'univers* (Pascal).<sup>18</sup>

---

fundo por entusiasmo partidário, por gosto pessoal pelo augustinismo, mas se esbarrando inquietos diante das consequência, atenuando-a em detalhes e se mantendo neste domínio teológico um pouco incerto que está nas fronteiras da ortodoxia e da heresia". [Nota do autor.]

<sup>16</sup> Calvet. [Nota do autor.] Ver nota 14. [Nota dos editores.]

<sup>17</sup> Só há um Pascal, do polemista ao apologista, do filósofo moralista ao escritor, das *Provinciales* às *Pensées*. E este Pascal transpira a doutrina jansenista, e toda a sua obra tem um tom jansenista. [Nota do autor.]

<sup>18</sup> Trata-se de um dos pensamentos de Pascal. Tradução: "Que quimera é, então, o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio! Juiz de todas as coisas, imbecil verme da terra, depositário da verdade, cloaca de incerteza e erro, glória e escória do Universo." PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Ediouro, 19--. p.138, pensamento 434.

E Brehier<sup>19</sup> comenta: sem relação com o resto da natureza,

*dans le silence effrayant des espace infinis, perdu dans ce canton de la nature, l'homme n'est rien; il ne sait ni d'où il vient ni où il va; il ne peut plus prendre son appui dans l'image fantasiste d'un univers fini et ordonné, où sa place est marquée; il est réduit à lui-même.*<sup>20</sup>

Ele fica assim reduzido ao "eu", um "eu" incômodo, fonte de tédio e conflitos, contra o qual agem todas as espécies de divertimentos e apoios exteriores, estes mesmos frágeis e enganadores. Dentro do homem Pascal só via o nada, abismo, contradição, enigma indecifrável, diz Sainte-Beuve.<sup>21</sup> O maior dos inquietos, Pascal, reduziu a natureza humana a um estado de perpétua inquietude, "contradição do homem, inconstância, tédio, inquietude". "*Le trouble et l'agitation, selon lui, avec la folie du divertissement ou l'âpre desespoir d'une vaine poursuite, voilà l'homme*",<sup>22</sup> para Pascal, diz Fortunat Strowski, e continua: "Pascal foi além dos moralistas clássico, e com o gênio da geometria conseguiu penetrar esta realidade complexa e flexível, esta realidade moral que é o homem. Mas este progresso devia custar caro, pois o sábio equilíbrio das ideias morais e o tipo de perfeição humana concebida pelos moralistas clássicos foram postos em perigo. É que Pascal teve a imprudência de dirigir o olhar penetrante sobre certas disposições do ser humano, como a inquietude e o desejo de felicidade, alguns aspectos da realidade interior, e reduziu a natureza humana ao estado da inquietude. Mas se

---

Na edição Pléiade das *Obras completas* de Pascal, a a citação é de uma passagem do pensamento 258. [Nota dos editores.]

<sup>19</sup> Trata-se do filósofo francês Émile Brehier (1876-1952), que em 1936 ensinou na então Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), celebrado, sobretudo, por sua monumental *História da filosofia*. [Nota dos editores.]

<sup>20</sup> Não foi localizada a referência na obra de Brehier, mas seu comentário é ao pensamento número 206, na tradução de Sérgio Milliet, cit.: "O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora."; na edição Pléiade, é o pensamento 91: "*Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.*" [Nota dos editores.]

<sup>21</sup> Charles-Augustin Sainte-Beuve (1804-1869) é um dos mais famosos críticos literários franceses. É possível que as imprecisas e frequentes referências a sua obra presentes neste texto sejam ao livro *Port-Royal*, em cinco volumes, considerado sua obra-prima e publicado ao longo de dezenove anos (1840-1859). [Nota dos editores.]

<sup>22</sup> Não foi localizada a referência na obra de Fortunat Strowski. Tradução: "O tumulto e a agitação, segundo ele, com a loucura do divertimento ou o desespero acerbo de uma busca vã, eis o homem." [Nota dos editores.]

assim é, se o homem é condenado a certa aspiração incessante, ele o é também a jamais alcançar o seu fim, terrivelmente afastado."

A razão humana é um instrumento débil e corrompido, cegado pelo pecado original, a ponto de somente penetrar as aparências e criar erros, assim como a natureza, corrompida e substituída, na sua primitiva pureza, pela concupiscência.

Dessa concepção pascaliana do homem, dá-nos Calvet um resumo magnífico:

O homem é todo ele uma doença, e Pascal ausculta primeiro o doente que é preciso curar, o condenado que é preciso salvar. Seu exame é impiedoso: o doente tem todas as taras, o condenado, todos os crimes. Incapazes de conhecer o tudo de nada absolutamente, sempre incerto e flutuante, porque ele não pode repousar nem na total ignorância, nem no conhecimento certo, vai ao acaso, de erro provisório em erro. Sua sensibilidade o extravia, sua imaginação o desequilibra, a doença o assusta; tudo o tiraniza. Sozinho, não pode consolar-se de sua miséria, porque ele a vê; para esquecê-la, nutre-se da ilusão de agir. Tudo o que inventa para organizar a vida em sociedade tem o mesmo caráter de incerteza e de contradição; suas leis são arbitrárias, sua justiça é injusta. Nada existe nele de fixo sobre que possa apoiar-se. O que se chama natureza não passa de um costume arbitrário. Todas as tendências que vêm dela levam-no ao mal e ao crime; seu coração é vazio e cheio de torpezas. O homem é um monstro. Entretanto deste fundo corrompido sobem apelos para o bem que tendem para o infinito, e neste ser fraco e hesitante vivem ainda restos de uma grandeza que nos imobiliza de respeito. Afinal e em suma, o homem é a contradição em ato, uma antinomia viva.<sup>23</sup>

Este é o homem pascaliano.

Para esta visão não há outra definição melhor do que a do pessimismo. E ela foi dada há muito tempo por Alexandre Vinet, um dos críticos mais autorizados de Pascal, e para Brunetière ela é a expressão justa. O pessimismo é uma das doutrinas, afirmava aquele, ou uma das bases da doutrina de Pascal. Depois dele, Victor Cousin à frente, preferiu-se a designação de cepticismo. Mas é lícito falar em ambas as definições, pois, como bem mostra Calvet, há pessimismo e há cepticismo em Pascal, uma definição amarga do homem e da vida dando lugar a uma impressão geral de

---

<sup>23</sup> Ver nota 14. [Nota dos editores.]

desencanto, de desconfiança total, de aborrecimento do mundo. "Pascal crê em Deus, mas não crê no homem."

Aliás esse pessimismo é o fundo mesmo da religião cristã, que, no entanto, afirmando ser a vida má e o homem, egoísta e viciado (pela culpa da origem), não adianta ou aconselha a destruição desta vida, mas simplesmente ensina que ela não tem neste mundo a sua finalidade, e que o homem deve colocar o seu fim para além da vida terrena e procurar um socorro superior para suportá-la.

Esse pessimismo que é o fundo das *Pensées*, e do jansenismo, é também o fundo espiritual do século.<sup>24</sup> Essa imagem do homem, como um enigma incompreensível e um amontoado de contradições, indecisões, incoerências e mobilidade, como um ser de razão enganosa e fonte de orgulho, impotente a encontrar a verdade e dominar em si a corrupção, como um ser cujo móvel vital é o egoísmo, os sentimentos vis e uma vontade sempre atraída para o mal, essa imagem pessimista do homem é comum ao século, é a concepção que sobreplanava toda a época, cada qual tirando dela o partido que melhor conviesse à sua filosofia, à sua crença, ou ao seu temperamento. A maior verdade religiosa no século XVII, afirma Sainte-Beuve, consistia nessa visão amarga e sombria da natureza humana, em vê-la somente decaída, má, cheia de vícios naturais que a sujam e exigem um remédio sobrenatural. Uns, como La Rochefoucauld, Molière, La Bruyère, ficavam somente na primeira parte, acentuavam o mal, mas esqueciam ou repudiavam o remédio. Dissecavam e satirizavam a natureza humana com crueldade. Todos os moralistas do século, cristãos ou não, foram muito severos para com o homem. O cristianismo, vendo nele a criatura decaída, não teme em insistir sobre os vícios da natureza, à qual ele quer fazer sentir a

---

<sup>24</sup> É preciso não esquecer nunca essa dualidade no espírito do grande século. Ao lado da França brilhante, que vemos no primeiro plano, diz Henri Focillon, há uma outra França mais secreta, mais exigente e talvez mais dura, companheira escondida, consciente e inquieta da outra: "É este complexo de dois gênios fraternais e contrários que faz a grandeza deste país, melhor ainda, que lhe dá seu acento único. O século de Luís XIV é também o século do jansenismo. É este que representa, no momento, aquela força concentrada, aquele desgosto da facilidade, aquele descontentamento, princípio das civilizações superiores, que levam invencivelmente o homem para diante." Em todo o século há essa aliança de qualidades, uma compensando e equilibrando a outra: espírito mundano e racionalismo científico, racionalismo e gosto artístico, espírito mundano e espírito cristão. Não será este o segredo da sua grandeza? Di-lo Paul Hazard: "O classicismo foi o fruto de um maravilhoso equilíbrio... uma época cuja força residu na sabedoria e na moderação, cada atitude mental recusando-se então a ir até os extremos, a razão, até as abstrações inverossímeis e desarrazoadas, a inteligência, até a hipercrítica, a crença, até o fanatismo, o gosto da arte, até a preciosidade; é bastante enfim para que o classicismo valha como uma lição eterna". [Nota do autor]

necessidade de um remédio, um auxílio, uma restauração sobrenatural. Observadores perspicazes, como La Rochefoucauld, apreciando o homem em uma época de corrupção e intrigas, insistiram sobre o mesmo aspecto, com a diferença que, para os cristãos, se é uma verdade esta ideia amarga do homem, ela é uma verdade da terra, que espera seu necessário complemento da iluminação superior da verdade cristã.

Quando se moraliza, no século XVII, diz ainda Brunetière, é à maneira jansenista, é para mostrar o lado mau e sombrio da natureza humana. É para realçar o estado deplorável da natureza corrompida e decaída, para descrever em cores vivas o "vilão fundo do homem".

Entre Pascal e os demais não se pode sentir a diferença senão no momento em que ele, não se conformando em permanecer no mesmo lugar em que os outros moralistas se comprazem, inquieta-se e inquieta o seu homem – atormenta-o e o leva à ânsia e à visão de Deus. Em tudo o que diz respeito à fraqueza humana, à sua miséria, Pascal se confunde com Montaigne, La Rochefoucauld etc. Só quando se entra na ordem cristã da caridade e do amor, como o faz Pascal, é que se sai de La Rochefoucauld e Pascal dele se diferencia.<sup>25</sup>

Portanto, é a mesma concepção do homem. Tanto Pascal, como La Bruyère, como La Rochefoucauld, como até mesmo Racine, expõem o mesmo tipo de homem. Um homem desordenado pelas paixões, cheio de misérias e contradições, agindo sempre por um motivo secreto que o leva imperiosamente a procurar o próprio prazer, satisfação, interesse e felicidade; e, mesmo nas boas ações e virtudes, tem sempre um motivo secreto que as explica.

Tanto Brunetière como Sainte-Beuve apontam com insistência a semelhança de doutrina em Pascal e La Rochefoucauld. A moral de La Rochefoucauld é um jansenismo sem sistematização, e, posto ambos sejam originais, são colaterais. É um jansenismo, sem a redenção, diz Sainte Beuve, e se compraz em pintar o homem decaído, esquece nele o rei exilado que Pascal realça. Para ela, não há possibilidade de correção nos homens, as virtudes têm sempre o seu reverso no egoísmo e no amor-próprio, que sempre a condicionam, há uma raiz natural em toda ação, uma raiz corrompida e inconfessável. Em resumo, como diz Fortunat Strowski, a ideia

---

<sup>25</sup> Cf. Sainte-Beuve. [Nota do autor.] Ver nota 21. [Nota dos editores.]

sistemática das *Maximes* é que toda virtude não passa de uma forma disfarçada do interesse e do egoísmo.<sup>26</sup>

Racine mesmo não escapa ao espírito jansenista.<sup>27</sup> O seu conhecimento do coração humano baseia-se nessa ideia que o faz um misto de grandeza, misérias e baixezas, variável e mutável, eternamente agitado de inquietude, misterioso e profundo, enigma irritante, insolúvel e desesperador; a paixão, com seus impulsos, sua impotência em se governar, sua incapacidade de encontrar em si mesma satisfação e regras; esta sensibilidade, cujas ameaças imperceptíveis fazem a diversidade dos caracteres e a complexidade da vida; tudo isto, diz Brunetière, é o mesmo espírito que anima a visão de Pascal.

## O naturalismo de Montaigne

[...] *je suis moi même la matière de mon livre.*

Montaigne<sup>28</sup>

De Montaigne a Pascal não há, como aparentemente se pode supor, nenhum abismo. Pelo contrário, uma linha direta prende o "agradável malicioso", na expressão de Sainte-Beuve, ao apaixonado peregrino do absoluto. Ninguém talvez deve mais ao ensaísta extraordinário pai de todos os ensaístas modernos<sup>29</sup> e ao poeta que jamais

---

<sup>26</sup> O sistema moral de La Rochefoucauld é um exemplo típico dessa influência poderosa do clima espiritual do jansenismo. Mesmo antes de publicadas as *Pensées*, já as suas *Maximes* traduzem aquela influência, o que prova que era uma questão de espírito geral à época, uma atitude comum no conhecimento do homem. "As suas reflexões amargas", explica Lanson, "com serem revelação da incurável ferida que a tradição de uma vida de decepções lhe houvera produzido, confessam outrossim o século com o autor; no retrato que oferece da sociedade onde põe em relevo o egoísmo, sente-se que o espírito geral do livro é o clima de pessimismo, filho do jansenismo, característico da época". [Nota do autor.]

<sup>27</sup> Também apontado por Brunetière. [Nota do autor.]

<sup>28</sup> A frase completa é "*Ainsi, lecteur, je suis moi même la matière de mon livre: ce n'est pas raison que tu employes ton loisir en un sujet si frivole et si vain.*" e está no prólogo ao leitor dos *Ensaies* de Montaigne. Na tradução de Sérgio Milliet: "assim, leitor, sou eu mesmo a matéria deste livro, o que será talvez razão suficiente para que não empregues teus lazeres em assunto tão fútil e de tão mínima importância." Montaigne, Michel de. *Ensaies*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Ediouro, 19--. p. 74. [Nota dos editores.]

<sup>29</sup> É numerosíssima a posteridade espiritual de Montaigne. O crítico de Port-Royal chega a imaginar o seu

escreveu um só verso, ao demolidor dos dogmatismos, ao céptico epicurista inesgotável, ao naturalista impenitente, do que o afirmativo, o inimigo do homem, o sobrenaturalista, o grave apologista da religião, o sarcasta terrível, o angustiado, estoutro grande prosador poeta, cujos pensamentos deram a Sainte-Beuve a ideia do que seria um Byron cristão.

A influência de Montaigne em Pascal não é novidade em literatura. Pode-se afirmar que Pascal começa em Montaigne e que este se completa naquele. Foi tão cuidadosa a leitura ou a meditação dos *Essais* pelo autor das *Pensées*, que estes mostram sem dificuldade, a cada passo, a marca da fábrica original. Há pensamentos de Pascal que são copiados das páginas alegres e saltitantes dos *Essais*.<sup>30</sup> Antes de se voltar contra ele Pascal fez passar em sua obra toda a substância de Montaigne.<sup>31</sup> Montaigne mostrara a fraqueza do homem, enganado sem cessar em sua imaginação, confiado excessivamente em sua justiça, que ele acredita natural, mas que não passa de um pesado hábito do país, dotado de uma volubilidade de espírito que o torna incapaz de se fixar num ponto em que pudesse observar a si mesmo e as coisas, uma justa perspectiva, escravo da opinião a tal ponto que dá maior importância aos juízos que os outros fazem

---

funeral, acompanhamento ideal e perpétuo, formado pelos que estão presos à sua linhagem. O fato é que de Pascal, Shakespeare, Bacon, Defoe, Voltaire, Diderot, Rousseau, Goldsmith, Hazlitt, Lamb, Carlyle, Ruskin, Wilde, Chesterton, France, até André Gide, em nossos dias, para citar somente os grandes, são incontáveis os ensaístas e escritores das mais variadas tendências cuja dívida é notória. O último deles, André Gide, no prefácio em que apresenta o seu pensamento ao público moderno, celebra a fecundidade dos *Essais*: "One never comes to an end with Montaigne. As he speaks of everything without order or method, any man can glean what he likes from the Essays, which will often be what some other would leave aside." (*Montaigne presented by André Gide*. "The living thoughts library". Longmans). É esse o segredo do gênio, e o fato se repete com Pascal. Cada época, cada geração se revê neles e tira deles o de que necessita. Estão sempre presentes na variedade histórica. [Nota do autor.] O título integral da obra é *The living thoughts of Montaigne presented by André Gide*. Nova Iorque: Longmans, 1939. Tradução: "Nunca se esgota Montaigne. Como ele fala de tudo sem ordem nem método, qualquer pessoa pode colher o que quiser dos *Ensaíos*, o que frequentemente será o que outra pessoa deixaria de lado." [Nota dos editores.]

<sup>30</sup> Não se trata é claro de um caso de plágio, pois sabemos que as *Pensées*, na forma por que figuram na história literária, não passam de pequenas notas tomadas no curso de leituras e de meditação durante a longa agonia de Pascal. Não mostram feição definitiva, a morte não tendo permitido ao autor realizar o plano da sua *Apologia*, onde naturalmente seriam comentados ou sofreriam a apresentação própria ao estilo do autor. A observação apenas serve para acentuar a importância da contribuição de Montaigne no pensamento de Pascal. [Nota do autor.] A *Apologia (Apologie de la religion chrétienne)* é a obra para que Pascal reuniu anotações, mas nunca chegou a escrever. [Nota dos editores.]

<sup>31</sup> Além de Santo Agostinho, ao qual ele foi buscar as suas ideias religiosas, a maior influência que recebeu Pascal foi sem dúvida Montaigne: "Mas a grande fonte das ideias profanas e puramente racionais de Pascal é Montaigne, cujo pensamento, as palavras mesmo e as imagens são a massa na qual ele põe sua maneira. É curioso notar quanto Pascal, sobre os assuntos de moral individual ou geral, tem a inteligência e a imaginação obcecadas pelos *Essais*", afirma Lanson. Interessante exemplo de como não há fronteiras no espírito, e os mais díspares se podem completar, harmonizar, ajustar. [Nota do autor.]

dele que ao que é realmente, sujeito às doenças e à morte. Isto tudo que Montaigne via no homem, julgando como a coisa mais natural, Pascal verá como um sinal da nossa miséria proveniente da queda de Adão, cujo prêmio é a concupiscência irresistível. A diferença entre os dois, e é o que faz Pascal voltar-se contra Montaigne, condenando a sua indolência e o seu conformismo no mole travesseiro da dúvida e da incerteza, é que Pascal saberá descobrir, por trás dessa miséria, germes de grandeza e esperanças de salvação, comunicados ao homem pela origem divina e pela redenção cristã. Pascal se acrescentará a Montaigne, emprestando à sua visão perspectiva cristã.

O desprezo pela defeituosa natureza humana era para Montaigne apenas resultado da simples constatação de uma realidade, implicava somente a aceitação de um fato natural, que não convinha discutir, nem condenar, nem procurar melhorar.

Montaigne é o primeiro grande mestre disso que a literatura francesa jamais deixará de ser: o conhecimento do homem, sua descrição íntima, sua penetração psicológica, a regulação de sua vida e de seus atos, a sua defesa. Foi ele quem fixou para a inteligência francesa o interesse e a preocupação do homem como objeto de nosso conhecimento. A filosofia definitiva dos *Essais* é uma filosofia moral, visa a organização da vida prática, é uma arte de explorar a vida, para o que primeiramente era necessário o conhecimento profundo do homem, a análise do eu, pela introspecção psicológica. Como método, Montaigne adotou a auto-observação. Cada homem contém a forma inteira da humana condição, afirmou. E através desse conhecimento de si, era a maior fonte de conhecimento do homem que construía. Com a aparência de um cepticismo risonho, legou-nos o imenso manancial de conhecimentos positivos sobre o homem, o qual ainda hoje assombra os psicólogos. Falando de si, confessando-se, diz Lanson, ele fala de nós e nos confessa. Atinge o universal, partindo do particular, através de si percebe a humanidade, descobre e estuda o homem dentro de si mesmo.

Montaigne concebia o homem como um ser natural, vivendo sob o signo da natureza, criatura igual a todas as outras e sujeita como elas às suas leis. A presunção, sendo a nossa maior doença, original e natural, fazendo com que o homem se acredite igual a Deus, Montaigne procura provar a vaidade dessa ilusão, demonstrando que o homem não está nem acima nem abaixo do resto da natureza. Todas as coisas criadas

lhes são iguais, por isso ele *veut ramener l' homme dans la nature*.<sup>32</sup> A vida para ele não era boa nem má, e a sabedoria está em saber tirar dele tudo o que pode contribuir para a felicidade.

Montaigne, é Sainte-Beuve quem mostra, e com ele inúmeros intérpretes, é a natureza mesma, é pura e simplesmente a natureza. Só lhe interessa ser homem, acima e antes de tudo ser homem em toda a perfeição. Por este motivo é que era cara ao grande crítico a ideia de que há um Montaigne em cada um de nós. Cada homem que se sente homem tem o seu Montaigne, assim como o homem que tome conhecimento do problema da dúvida tem o seu Pascal, costumava afirmar.

O homem de Montaigne é o homem natural:

*Cet aveu qu'à tout moment on fait de la nature jusque sous la loi dite de Grâce, cette nudité inconsidéré [sic] ou l'on retombe par son âme naturelle et comme si elle n'avait jamais été régénérée, cette véritable Otait [sic] de notre âme, pour l'appeler par son nom, voilà proprement la [sic] domaine de Montaigne et tout son livre,*<sup>33</sup>

diz o autor do *Port-Royal*.

Essa complacência de Montaigne para com a natureza é o que irrita nele os jansenistas. Enquanto Pascal, por exemplo, procura libertar-se desse homem natural que odeia, enquanto ele o pinta com ar de desgosto, enquanto ele se tortura ao espetáculo da sua miséria, Montaigne parece que se diverte e dá estalinhos na língua de contente, quando termina um dos seus quadros famosos.

Entretanto, a atitude naturalista de Montaigne ainda é melhor apreendida em

---

<sup>32</sup> Strowski, *Montaigne*. [Nota do autor.] Acreditamos que a referência seja à obra *Montaigne*, de 1906. Ver nota 4. Tradução: "ele quer reconduzir o homem à natureza". [Nota dos editores.]

<sup>33</sup> A referência, cuja transcrição pelo autor deste ensaio ou por seus editores está bastante falha, encontra-se no segundo volume da obra *Port-Royal*, de Sainte-Beuve, que os editores consultaram em [http://www.archive.org/stream/portroyal08saingoog/portroyal08saingoog\\_djvu.txt](http://www.archive.org/stream/portroyal08saingoog/portroyal08saingoog_djvu.txt) (acesso em 20 de abril de 2011). Segue-se o texto correto em francês e uma tradução livre. "*Cet aveu qu'à tout moment on fait de la nature jusque sous la loi dite de Grâce, cette nudité inconsidéré ou l'on retombe par son âme naturelle et comme si elle n'avait jamais été régénérée, cette véritable Otait de notre âme, pour l'appeler par son nom, voilà proprement le domaine de Montaigne et tout son livre.*" "Este reconhecimento que a todo momento se faz da natureza até sob a lei dita da Graça, esta nudez irrefletida onde recaímos por nossa pela alma natural e como se ela jamais tivesse sido regenerada, esta verdadeira ilha de Taiti de nossa alma, para chamá-la por seu nome, eis propriamente o domínio de Montaigne e de todo o seu livro." [Nota dos editores.]

face da religião. Montaigne esforça-se para provar que o mundo e Deus estão sobremodo distantes um do outro para que haja relações comuns. As coisas da revelação, o mundo do maravilhoso e do sobrenatural estão situados muito longe das coisas criadas, para que estas possam ter um reconhecimento deles e para que eles possam intervir na sua vida. Aos fatos maravilhosos e miraculares ele não lhes atribuía uma origem sobrenatural, nem via neles a manifestação da interferência divina. Esforça-se por provar o poder da nossa imaginação, certamente o ponto de origem de muitos daqueles fatos. As forças da natureza são misteriosas, e no menor de nossos atos se escondem maravilhas, assim como da intimidade do nosso espírito quantos prodígios costumam surgir.

Esse pensamento nada tem de cristão e conduz a tornar Deus inacessível ao homem e a "arruinar a crença transcendente no coração do homem". "Para Calvino e para Lutero, para Pascal e para Bossuet, a natureza, mesmo sendo criada, não era, na realidade e na origem, separada de Deus por uma noite impenetrável, o homem via, conhecia, amava a Deus". Se para estes foi o pecado que fez cair sobre o universo sombras espessas, para Montaigne, ao contrário, "é por sua essência mesma que o universo está infinitamente afastado de Deus. Neste sentido, estamos longe deste Pascal que, sob outros aspectos, estava tão próximo...".

Montaigne é o pai do humanismo da separação que viveu durante o século clássico, e fez que os grandes escritores criassem a sua obra fora do cristianismo. Não havia, segundo aquele conceito, conciliação possível entre o mundo e Deus, entre a ordem natural e a sobrenatural, entre o cristianismo e o humanismo. As consequências serão fatais tanto para um lado quanto para o outro: o jansenismo, como o protestantismo, condena o mundo, sacrificando-o a Deus; um século mais tarde, a reação se fará violenta; o filosofismo, em nome da dignidade humana, negará a grandeza e mesmo a existência do sobrenatural, reivindicando os direitos da vida natural e estabelecendo sobre ela unicamente a explicação do mundo e do homem. E mais tarde ainda, Hegel levantará o homem em absoluto. É a reviravolta completa, consequência lógica da falta de equilíbrio daquela teoria que separou a religião da vida e da arte, o cristianismo do humanismo, ensinando que o homem é unicamente humano. É o resultado do antropocentrismo do Renascimento. A religião era coisa à parte, muito grande e muito alta para ter comunicação com o homem. E o homem fica o homem

natural, unicamente homem, "pretendendo", como mostra Calvet, "realizar, por suas próprias e únicas forças, a perfeição natural que não ultrapassa as perspectivas de seu ser e de seu meio – a terra".

Para Montaigne, criador de toda essa maneira de resolver o problema das relações entre a religião e a vida, estas duas têm fronteiras bem delimitadas, e a vida deve ser regulada apenas pelos princípios da sabedoria humana. A religião é um meio de preparação da eternidade futura e não um princípio de vida no mundo.

Esse problema, aparentemente de caráter religioso puro, é no entanto o problema fundamental da história, é o problema do homem e o da sua posição em face de Deus. Em torno dele gira a história, e todas as civilizações se distinguem pela atitude do homem em face de si mesmo e de Deus.

O que caracteriza o humanismo clássico, saído daquele naturalismo separatista de Montaigne, completado por estoutros separatismos de Descartes, Lutero e Jansenius e pelo naturalismo otimista absoluto de Rousseau, e do qual assistimos em nossos dias ao encerramento do ciclo histórico, é portanto a interpretação puramente humana do homem e do mundo, um homem e um mundo simplesmente naturais, que procuravam explicar uma razão independente da revelação e uma ciência divorciada da autoridade.

Ele forma o espírito da época moderna, começada na Reforma e no Renascimento, época do homem humano, do humanismo antropocêntrico.

Eis o homem do humanismo dos tempos antropocêntricos: acredita em Deus e em sua graça, mas lhe disputa o terreno; reclama sua parte de primeira iniciativa de referência à salvação e aos atos meritórios da vida eterna, enquanto intenta realizar por si somente sua vida e sua felicidade terrestres,

define Jacques Maritain<sup>34</sup> e continua:

A ele só de construir seu destino, a ele só de intervir, como um deus, por um saber dominador que absorve em si mesmo e domina toda

---

<sup>34</sup> Jacques Maritain (1882-1973) é um filósofo católico francês do século XX, autor de uma imensa obra. Daí, a impossibilidade de localizar a citação. [Nota dos editores.]

necessidade, na conduta da própria vida e no funcionamento da grande máquina do universo abandonada ao determinismo geométrico.

Esse naturalismo é a doutrina de Montaigne. Para o homem somente a natureza bastava para ser perfeito na ordem natural, diz ainda Maritain, uma sabedoria natural e racional era suficiente, separada e isolada das coisas da fé e da revelação. E a Montaigne saberão dar o remate Rousseau, Comte, Hegel, concebendo o homem, na sua condição existencial, como um ser puramente natural, que se representa destacado de toda conexão com uma ordem sobrenatural que diga respeito ao pecado original e à graça.

Pois bem, esse homem assim entendido de uma perspectiva puramente natural tem para Montaigne qualidades e defeitos, mais defeitos do que qualidades, em cuja pintura e análise se compraz. É essa natureza que a sua malícia e displicência, a sua curiosidade inesgotável e traquinas procuram realçar, e através de um estilo riquíssimo de lirismo e virtuosidade.

Do seu vasto inquérito sobre a natureza humana através de si mesmo e guiado pela sua extraordinária acuidade psicológica, resultou um tipo ou imagem do homem, que é bem a de Pascal e será de Machado de Assis. É bem a natureza humana que ele confessa, pintando-se.

Para Montaigne o homem é incoerência, mobilidade, inconstância, diversidade, variabilidade. Nada mais raro do que a constância no caráter de um homem, nada mais sensível do que a falta de uniformidade e unidade, do que a volubilidade e a discordância. É um saco de contradições: "*Honteux, insolent; chaste, luxurieux; bavard, taciturne; laborieux, délicat; ingénieux, hébété, chagrin, débonnaire; menteur, véritable, savant, ignorant, et libéral, et avare, et prodige [...]*"<sup>35</sup> Não há mais vã preocupação do que estabelecer uma ideia única sobre o homem, seu caráter, sua ação, o homem verdadeiro aparecendo sempre na contradição e na mobilidade. Nos costumes, nas opiniões, nos atos, em todas as suas operações, o espírito humano revela o tecido de incertezas, incoerências, fantasias de que é urdido. A inteligência humana é impotente e

---

<sup>35</sup> A passagem está em *Essais*, livro II, capítulo 1. Na tradução de Sérgio Milliet, cit.: "Envergonhado, insolente, casto, libidinoso, tagarela, taciturno, trabalhador, requintado, engenhoso, tolo, aborrecido, complacente, mentiroso, sincero, sábio, ignorante, liberal e avaro, e pródigo [...]" [Nota dos editores.]

vaidosa, daí a inanidade da experiência e dos sistemas filosóficos. A presunção leva os homens a se considerarem o centro do universo. E, no entanto, todas as causas – a saúde ou a doença, as paixões, o clima, o hábito – fazem variar as opiniões pessoais sobre as coisas, os costumes, as leis. Presos aos sentidos, não podem sair de si mesmos, daí a incerteza e a falta de acordo nas relações entre os homens. Além disso, todas as coisas e o homem vivem em perpétua mutação, e, assim, o que muda não existe verdadeiramente.

Finalmente, não há nenhuma constante existência, nem de nosso ser, nem dos objetos. Nós e nosso juízo e todas as coisas mortais vão fluindo e rolando sem cessar; não se pode estabelecer nada de certo de um ao outro, o julgador e o julgado estando em continua mutação e movimento. Assim todas as coisas sendo obrigadas a passar de mudança em mudança, a razão, procurando nelas uma real subsistência, fica decepcionada, nada podendo apreender de permanente e fixo.<sup>36</sup>

Nem superior nem inferior às outras criaturas, fazendo parte da natureza, o homem é sujeito às suas leis, leis da mutabilidade permanente e da perpétua fluidez: "tudo ou vem a ser e não é ainda completamente; ou começa a morrer antes que tenha nascido".<sup>37</sup> Deus somente é o ser, e só com o auxílio da sua graça o homem consegue elevar-se por sobre o resto das coisas criadas. Mas, naturalmente, sem sair do plano puramente humano, que degradação, que desordem, que variabilidade. "*O la vile chose et abjecte*

---

<sup>36</sup> O autor (ou seus editores) junta, como se fossem um só, dois trechos separados. No original, lê-se: "*Finalemment, il n'y a aucune constante existence, ny de nostre estre, ny de celuy des objects : Et nous, et nostre jugement, et toutes choses mortelles, vont coulant et roulant sans cesse. Ainsin il ne se peut establir rien de certain de l'un à l'autre, et le jugeant, et le jugé, estans en continuelle mutation et branle. [...] Ainsin estant toutes choses subjectes à passer d'un changement en autre, la raison, y cherchant une reele subsistance, se trouve deceue, ne pouvant rien apprehender de subsistant et pernanant [...]*" (*Essais*, II, xii). Na tradução de Sérgio Milliet, cit. (p. 416): "Em suma, nós mesmos e os objetos não temos existência constante. Nós, nosso julgamento, e todas as coisas mortais seguimos uma corrente que nos leva sem cessar de volta ao ponto inicial. De sorte que nada de certo se pode estabelecer entre nós mesmos e o que se situa fora de nós, estando tanto o juiz como o julgado em perpétua transformação e movimento. [...] Por isso, pelo fato de toda coisa estar sujeita a transformação, a razão nada pode apreender do que realmente subsiste [...]" (*Ensaio* II, xii). [Nota dos editores.]

<sup>37</sup> A frase vem pouco adiante da passagem citada em destaque imediatamente acima. No original: "*[...] tout ou vient en estre, et n'est pas encore du tout, ou commence à mourir avant qu'il soit nay*" (*Essais*, II, xii). Na tradução de Sérgio Milliet, cit. p. 416: "[...] tudo ou nasce para a existência e não está inteiramente formado, ou começa a morrer antes de nascer" (*Ensaio*, II, xii). [Nota dos editores.]

*que l'homme, s'il ne s'eleve au dessus de l'humanité!"*.<sup>38</sup>

Assim, nessa pintura do homem, da humanidade, a mais exata, a mais fina, a mais rica em observações penetrantes que ainda se fez da natureza humana, Montaigne nos mostra uma compreensão jamais excedida, e os *Essais* são, na época do descobrimento da terra, o descobrimento do homem:<sup>39</sup> esse homem, o mesmo em todos os tempos e lugares, "*merveilleusement vain, divers et ondoyant*",<sup>40</sup> "*misérable et chetive créature*",<sup>41</sup> fraco, de espírito limitado e desregulado, contraditório, incapaz de estabelecer juízos seguros e verdades constantes e de entrar em acordo sobre nada, ignorante das realidades fundamentais. Os *Essais*, sendo Montaigne, são, pois, o homem, toda a humana condição.<sup>42</sup>

\* \* \*

Essa longa excursão através da concepção humana de Montaigne e Pascal justifica-se plenamente porque ela projeta uma nova luz sobre a crítica da atitude espiritual de Machado de Assis e forma um critério que auxilia enormemente a compreender e explicar a sua visão da vida, do homem e do mundo. A quem bem conhece a obra de Machado, isto se torna sensível.

---

<sup>38</sup> Trata-se de uma frase de Sêneca, citada por Montaigne no penúltimo parágrafo da "Apologia de Raymond Sebond" (*Essais*, II, xii) No original: "[...] '*O la vile chose*', dict-il, '*et abjecte que l'homme, s'il ne s'eleve au dessus de l'humanité!*'". Na tradução de Sérgio Milliet, cit., p. 417: "Vil e abjeta coisa o homem, se não se eleva acima da humanidade!" (*Ensaio* II, xii). [Nota dos editores.]

<sup>39</sup> Naturalmente é o que aparece à perspectiva moderna, à aparelhagem crítica dos séculos pós-renascentistas. Pretendeu justamente a época moderna, e é isto o que a caracteriza, proceder a uma reabilitação da criatura, e tanto Descartes como Lutero, que informam no início o seu espírito, visam tal objetivo. Não entremos, porque não é aqui o lugar, na crítica dessa posição reabilitadora do homem, se ela foi justa, em que condição foi realizada, quais as suas consequências, e sobretudo não procuremos debater o problema da reabilitação antropocêntrica e teocêntrica do homem. Não creio que reste dúvida, porém, sobre que a reabilitação moderna foi tipicamente antropocêntrica e naturalista, e Montaigne é também como que um dos seus marcos iniciais. [Nota do autor.]

<sup>40</sup> A expressão está no livro I, capítulo i dos *Essais* e, na sua versão completa é: "*Certes, c'est un subject merveilleusement vain, divers et ondoyant, que l'homme*". Tradução de Sérgio Milliet, cit. (p. 76): "Em verdade o homem é de natureza muito pouco definida, estranhamente desigual e diverso". (*Ensaio*, I, i) [Nota dos editores.]

<sup>41</sup> A expressão está no livro II, capítulo xii ("Apologia de Raymond Sebond") dos *Essais* de Montaigne: "*Est-il possible de rien imaginer si ridicule que cette miserable et chetive creature [...]*". Na tradução de Sérgio Milliet, cit. p. 340: "Será possível imaginar algo mais ridículo do que essa miserável criatura [...]". (*Ensaio* II, xii). [Nota dos editores.]

<sup>42</sup> É no livro II, particularmente no primeiro capítulo, "*De l'inconstance de nos actions*", que devemos ir buscar a ideia do homem em Montaigne. [Nota do autor.]

Vem daí o pessimismo de Machado, a sua interpretação amarga da vida, a sua descrença no homem, o modo de como ele os definia ou colocava uns diante dos outros, nas relações sociais. Ou, pelo menos, o que é mais certo, foi a esta fonte que ele buscou a justificativa e o remate filosófico para a maneira de como já naturalmente encarava o mundo.<sup>43</sup>

Há uma correlação evidente entre as duas atitudes mentais. A pista seguida seria suficiente se não houvesse outros elementos de prova que nos convencessem de que este conceito do homem, Machado o adotou. O homem de Machado é o homem de Pascal, e particularizo Pascal, porque já vimos que Montaigne é mais completo em Pascal do que em si mesmo.<sup>44</sup>

Antes, porém, comparemos Pascal e Machado, e vejamos, ao lado dos pontos de contato, as zonas de afastamento.

---

<sup>43</sup> Sobretudo esta interpretação vem livrar Machado da pecha de negativista, lugar-comum da crítica, e dá ao seu pessimismo um caráter bem diverso do derrotismo com que procuram identificá-lo. Machado, para certa crítica, é quase um anarquista, um niilista, um sistemático destruidor de todas as ideias de grandeza. Ao contrário, a sua obra não cede à preocupação de anular o homem, porém visa dar realização artística, fazer viver em personagens e situações aquela concepção pessimista do mundo, que é a sua e a de seus mestres. [Nota do autor.]

<sup>44</sup> De referência à ligação com Montaigne, não pode restar dúvida que Machado foi dos seus mais assíduos e diretos leitores. Há páginas e páginas dos *Essais* que se refletem na obra machadiana, sem querer insistir na influência de atmosfera geral, que é evidente. Um encontro notável entre os dois é a respeito dos animais. Procurando diminuir a posição do homem no seio da criação, Montaigne o colocava à altura dos outros animais, esforçando-se por demonstrar que não há diferença entre eles. Era uma lição de relativismo, contra a presunção, o orgulho e a vaidade humana, sempre prontos a fazer dele o centro do universo. O homem, ao contrário, não está nem abaixo, nem acima do resto. Interessante é a comparação daquele conto, "Ideias de canário", com certa passagem da "Apologia de Raymond Sébond", em que ele acumula os argumentos cépticos contra a vaidade humana: "Pois, porque não dirá um pequeno ganso assim: 'todas as peças do universo me dizem respeito, a terra me serve para caminhar, o sol, para me alumiar, as estrelas, para me inspirar suas influências; eu me benefico dos ventos e das águas; não há nada que esta abóbada encare tão favoravelmente como a mim; sou o predileto da natureza; não é o homem que cuida de mim, que me aloja, que me serve? É para mim que ele semeia e mói; [...]' E assim também falaria uma grua, e mais magnificamente ainda pela liberdade do seu voo e a posse desta bela e alta região! [...]". O conto das "Ideias de canário" é a aplicação desta teoria. Um canário falador se considera orgulhosamente o dono de tudo o que o circunda, e o amo do homem, seu dono: "Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias com tal regularidade que eu, se devesse pagar-lhe os serviços, não seria com pouco: mas os canários não pagam criados. Em verdade, se o mundo é propriedade dos canários, seria extravagante que eles pagassem o que está no mundo... O mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira." Mais tarde, mudado de dono, de gaiola, e de ambiente, o canário dirá que o mundo é um jardim assaz largo, com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima: o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira... Passados alguns dias, tendo fugido, o canário dirá que o mundo é um espaço infinito e azul, com o sol por cima. [Nota do autor.] A citação de Montaigne está em *Ensaaios*, II, 12. O conto "Ideias de canário" está em *Páginas recolhidas* (1899). [Nota dos editores.]

Pascal, pessimista amargo, como Machado, era, no entanto, corrigido pelo seu ardente desejo de absoluto e sua esperança torturante de cura das misérias humanas pelo socorro divino. Ao contrário, Machado, homem sem Deus e só enxergando o homem sem Deus, via-o somente nas suas misérias. Entre a grandeza e a miséria, Machado só via a miséria, enquanto Pascal ao lado desta colocava a grandeza. Machado só viu um lado de Pascal; o outro, a sua inata descrença, a sua incapacidade para penetrar o sobrenatural não permitiram conhecer. Prometeu amarrado aos grilhões terrenos e carnisais, o homem para Machado é uma criatura miserável e impotente; e, para Pascal, apesar disto, era capaz de aspirações elevadas. Pascal tem o desgosto do mundo, mas salva-o a esperança da eternidade; não crê no homem, mas crê em Deus. Machado não acredita em um Deus supremo nem espera nenhuma vida para além da morte, não confia no homem e aborrece o mundo. O erro de Pascal – erro genial – era de só acreditar na dignidade da ordem sobrenatural que devia subjugar a ordem natural, indigna e corrompida, débil e desordenada. O erro de Machado era só acreditar na ordem natural, corrompida e má por essência, indigna e incapaz de atos de valor, a vida não valendo a pena de ser vivida, nem mesmo valendo o nosso esforço, até porque os nossos atos não importam à nossa responsabilidade.

Machado recebeu a seu modo o erro de Pascal, que foi uma solução dada ao problema da vida cristã no mundo. Pascal o resolvera sacrificando o mundo e todo o homem natural a Deus, convencido de que não podia haver conciliação possível entre Deus e o mundo, a criatura e o Criador, senão com o abandono e o sacrifício total. Não era possível nenhum acordo entre humanismo e cristianismo. Eram termos que se excluíam.

O fundo das *Pensées* é a face *hideuse* do Evangelho: a vida é má porque o homem é um ser enigmático, incompreensível, contraditório, corrompido, incapaz de praticar, por si mesmo, boas ações, e até quando acredita agir bem, nunca se tem a segurança de que não se misturem aos seus atos concupiscência, orgulho ou egoísmo. O homem é um doente, pela sua natureza decaída, impotente de se curar sozinho, e por isto necessita de um apoio superior para ser salvo.

A preocupação de Pascal em fazer realçar o lado mau da natureza humana era para afinal mostrar que somente o antídoto cristão curaria o homem. Era portanto um

caminho para Deus que ele assim abria, apontando a miséria do homem sem Deus. Outros chegarão ao mesmo fim por outras vias, como o próprio Bossuet que o atinge apreciando a grandeza humana. Pascal mostra a desordem, a perturbação da natureza humana, para mais facilmente lhe fazer sentir a necessidade do remédio. O seu sombrio e magnífico quadro era um estudo moral, mas também um recurso de apologética. Para ele a miséria e a dubiedade inerentes à natureza humana tinham um remédio transcendente.

Ao contrário, para Machado o homem estava inexoravelmente preso à sua condição. O seu erro foi de se ter conformado apenas com o Pascal sombrio e não ter penetrado com ele nesse mundo do sobrenatural, ao qual o conduziu a sua inquietude formidável.

Machado corrigiu esse aspecto da filosofia de Pascal com a influência do naturalismo e do cepticismo de Montaigne.

É o caso de se perguntar mesmo se houve essa influência tão grande de Pascal sobre ele, por que teria permanecido insensível ao estupendo *élan* religioso que se desprende das *Pensées*, tanto mais quanto sabemos que está na origem da maioria das grandes conversões modernas, de Chateaubriand, Laménais, Maine de Biran a Brunetière e a Psichari? De feito, a inspiração cristã, a intenção apologética, o sentimento religioso das *Pensées* não o tocaram, o que é realmente espantoso.

Mas Pascal é muito grande para ser esgotado numa única direção, por uma só família espiritual. E sabemos que muitas e diversas são as experiências que se enriquecem ao seu contato.

Podemos aceitar, para todos os sistemas pessimistas, o reproche que Brunetière dirigiu a Pascal: fora necessário não viver no mundo para aceitar a sua filosofia moral severa e ascética. Não podemos fugir do mundo, ao contrário, devemos esforçar-nos para bem viver nele. Tanto é erro o naturalismo, filosofia que tudo resume na natureza, como o angelismo e o supernaturalismo, concepções que repelem o mundo.

Há uma dignidade e uma grandeza da ordem natural, como há uma da ordem sobrenatural, ambas respeitáveis em seus planos. Para a concepção sintética e equilibrada do humanismo cristão, harmonizam-se as duas ordens, completam-se, a graça penetrando a natureza e fazendo-a progredir na sua dignidade e alegria, o homem

colaborando com a graça na obra da perfeição. É o homem integral do humanismo cristão, na concepção tradicional inspirada pelo Evangelho, legada pelos sábios doutores da Igreja, Santo Agostinho, São Tomás, continuada pelo classicismo religioso do século XVII, na palavra dos Bossuet, Bérulle, São Francisco de Sales, e agora reposta na ordem do dia pelo neo-humanismo de Jacques Maritain e outros escritores. É a filosofia cristã do homem, que aproveita, numa síntese média, todas as direções humanas.

A civilização deve ser entendida como uma arte de viver no mundo, e o homem tem o dever de procurar, por todos os meios ao alcance da sua inteligência, aperfeiçoá-la e torná-la mais acessível ao maior número.

A mesma crítica se pode fazer à doutrina de Machado. É o seu defeito e artificialismo. É a filosofia para não se viver no mundo, para se sair do mundo, filosofia para mortos, ou para o mundo dos mortos, para cemitérios. Não é típico o fato de Machado colocá-la na boca do finado Brás Cubas, que a escreve do outro mundo, com as rabugens do pessimismo, a tinta da galhofa e a pena da melancolia, de quem já não sofre as contingências terrenas?

Em resumo, a filosofia de Machado é mais o pessimismo do que cepticismo, ou melhor, o seu cepticismo é de fundo pessimista, como o de Pascal, segundo definiu Calvet. Pode ser um céptico absoluto quem teve tanta fé na arte, quem, saindo das condições mais humildes foi tão coerente e pertinaz em procurar para si um lugar ao sol, deixando-nos uma obra que é um monumento imperecível de beleza?

Ao passo que, para com o pessimismo, não há incompatibilidade. Embora não visse com bons olhos o caráter dos homens, o móvel das ações e das relações humanas, não quer dizer que não pudesse declarar no fim da vida: "a vida é boa", depois de ter colocado na boca de Brás Cubas em delírio aquele desejo e aquele mesmo amor da vida.

Tanto mais quanto, em Machado trata-se antes de uma atmosfera ou de uma atitude, do que propriamente de uma doutrina ou um sistema uniforme, o que permite a conotação de outras posições diferentes.

## **O conceito do homem**

O estudo do homem de Machado nos revela a perfeita identidade com o homem de Montaigne e Pascal.<sup>45</sup> Penetrado do ideal clássico – a análise e a pintura do homem –, moralista e psicólogo, Machado deu uma imagem do homem brasileiro, de uma época determinada, que é a imagem de muitos – da maior parte dos homens.

Cuido que terá sido suficiente a leitura atenta da análise anterior dos conceitos humanos de Pascal e Montaigne para se sentir a identidade absoluta com o homem machadiano.

Vejamos se não é esta a imagem de Machado.

O homem é um ser doente, moral e psicologicamente. Dentro dele só há abismo, contradição, enigma; tarado, cheio de vícios, incerto, dubitativo, inconstante, incoerente, contraditório, flutuante, agitado, de espírito volúvel e inteligência fraca, sem nenhum apoio moral, com uma tendência imperiosa para o mal e o crime; escravo da sensibilidade e da imaginação que o extraviam e enganam, de leis arbitrárias, de um hábito tirano, da opinião; desordenado pelas paixões, cheio de misérias, vive eternamente atrás de uma quimera, "figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação".<sup>46</sup> As suas ações, que formam o tecido da tragicomédia humana, têm sempre no fundo, mesmo as boas, um motivo secreto, que as explica e origina, ordenado pela felicidade, interesse, amor-próprio. Sempre o egoísmo, os sentimentos vis e a concupiscência são os móveis secretos de toda a vida no mundo. A concupiscência domina o caráter dos personagens machadianos.

Machado tem uma visão muito aguda para observar o vilão fundo do homem, o lado mau da natureza humana.

Afrânio Coutinho

---

<sup>45</sup> Em resumo, pode-se dizer que Machado recebeu de Pascal o profundo pessimismo sobre a natureza humana, ou, por outras palavras, o ódio radical da vida e dos homens. De Montaigne, o naturalismo, isto é, a maneira de conceber este homem e esta vida como pura e simplesmente terrenos e naturais, sem nenhuma ligação com qualquer realidade sobrenatural. [Nota do autor.]

<sup>46</sup> Trata-se de uma passagem do capítulo VII ("O delírio") de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. [Nota dos editores.]